

Os Conceitos Sociológicos Fundamentais De Max Weber Em “A Ética Protestante E O Espírito Do Capitalismo”

Gabriella Ane Dresch¹⁵¹

RESUMO

Este artigo pretende esclarecer alguns dos conceitos sociológicos fundamentais apresentados por Max Weber. São utilizados trechos de “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, um dos mais difundidos trabalhos do autor e um marco para as Ciências Sociais, para possibilitar o contato com o modo pelo qual os termos aparecem na obra de Weber. O intuito é facilitar a compreensão da teoria weberiana pelo esclarecimento de pontos importantes da sua proposição teórico-conceitual, aliado de uma breve familiarização da interpretação do autor acerca da modernidade ocidental.

Palavras chave: Conceitos sociológicos fundamentais. Max weber. Tipo ideal. Relação social. A ética protestante e o espírito do capitalismo.

INTRODUÇÃO

Max Weber é considerado um dos clássicos da Sociologia e da Ciência Política; pertenceu a uma leva de professores preocupados com diversos âmbitos da sociedade, tais como economia, religião, política e arte. Suas contribuições têm grande relevância para a ciência: a forte base do autor em História, Psicologia, Teologia, Literatura Comparada, Filologia, Filosofia e Clássicos permitiu que o seu trabalho fosse tão abrangente e valioso.

Para garantir a devida compreensão dos escritos weberianos, é fundamental conhecer os conceitos que o estudioso emprega e os significados que lhes atribui. Robert A. Dahl chama a atenção para esse cuidado já no segundo capítulo de “A Análise Política Moderna”¹⁵², ao explanar a análise semântica e ressaltar que o esclarecimento dos termos usados é importante pelo fato de muitos deles não

151 Graduanda do curso de Ciências Sociais da UFPR, contato: gadresch@gmail.com

152 A Análise Política Moderna, 1976

possuírem uma definição aceita ordinariamente. Weber, décadas antes, teve essa preocupação e elaborou um texto denominado “*Conceitos Sociológicos Fundamentais*¹⁵³” com o intuito de elucidar termos recorrentes e de maior relevância em sua produção intelectual. Por essa razão, este artigo pretende apresentar alguns dos conceitos sociológicos fundamentais que norteiam toda a obra de Max Weber, com foco especial em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”.

A escolha desse livro como fonte de exemplos se justifica por ele ser um marco nas Ciências Sociais; uma inovadora leitura do capitalismo como “espírito”, já que é firmemente atrelado à cultura e em especial à ética religiosa puritana. Nele, muitos dos conceitos de Weber aparecem, seja explícita ou implicitamente. Entendemos que unir um dos mais reconhecidos trabalhos de Weber à explicação de sua terminologia é uma preciosa combinação a ser explorada. Em um primeiro momento abordaremos a definição de ação social e tipos ideais, por considerá-los suportes importantes para avançar no nosso tema. Em seguida dissertaremos sobre as razões que definem a ação social e de que modo elas aparecem em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”. Daremos sequência apresentando brevemente os termos “costume” e “hábito”, e os últimos termos sobre os quais trataremos são relação social e ordem legítima. Finalizaremos com as considerações finais, nas quais mostraremos porque julgamos relevante explorar esse âmbito da teoria weberiana.

AÇÃO SOCIAL E TIPO IDEAL

O autor dá início a “*Conceitos Sociológicos Fundamentais*” atentando-se à definição de sociologia como a ciência que pretende entender pela interpretação a ação social, com o intuito de explicá-la causalmente nos seus desenvolvimentos e efeitos. A ação social, por sua vez, é uma ação realizada pelo sujeito a partir do momento em que ele se orienta pelo comportamento dos outros. Nem toda a ação é social (vide o famoso exemplo das pessoas que abrem simultaneamente os guarda-chuvas em um temporal,

153 A Metodologia das Ciências Sociais, Conceitos Sociológicos Fundamentais.

sem que esse ato tenha qualquer orientação na atitude dos demais), do mesmo modo que nem todo o contato humano o é.

Após introduzir tais termos, Weber entra no âmbito dos fundamentos metodológicos. Dentre todos os aspectos citados, o que nos parece mais relevante para os fins deste artigo refere-se ao método científico da construção de tipos. A sociologia weberiana também é conhecida como “sociologia das tipologias” pelo uso frequente deste método como norteador de análises; base para o estudo e construção dos recortes da realidade e composições. Neste ponto é importante lembrar que Weber rejeita terminantemente qualquer teoria de caráter global: ele acredita que todos os estudos devem ser realizados a partir de recortes específicos da realidade e os conceitos devem ser construídos ao longo da pesquisa. Com isso, chegamos à construção de tipos, mais especificamente dos tipos ideais: um recurso metodológico que visa a identificação de categorias típicas e padrões de um fenômeno social; uma representação caricaturada da realidade com objetivo de comparação. Em “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”, Weber se utiliza desse artifício para compor um perfil peculiar: o tipo ideal do empresário capitalista.

Ele se esquia à ostentação e à despesa inútil, bem como ao gozo consciente do seu poder, e sente-se antes incomodado com os sinais externos da deferência social de que desfruta. Sua conduta de vida, noutras palavras, comporta quase sempre certo lance ascético, tal como veio à luz com clareza no citado ‘sermão’ de Franklin (...). De sua riqueza ‘nada tem’ para si mesmo, a não ser a irracional sensação de ‘cumprimento do dever profissional’. (Weber, 2012, p.63)

Os tipos ideais são um meio de conhecimento que têm a função de facilitar o estudo, apontar um caminho a ser seguido pelo pesquisador. No entanto, raramente se aplicam de modo pleno; são incapazes de abranger a complexidade do mundo concreto, justamente por comporem recortes de realidades específicas. Por conta dos tipos ideais, a sociologia comprehensiva é considerada racionalista.¹⁵⁴

Outro ponto fundamental é que Weber não entende as coletividades como uma espécie de sujeito em si, e sim o resultado de ações específicas de pessoas individuais, já que somente elas podem realizar ações orientadas em um sentido. Com isso, ele

154 Weber, Conceitos Sociológicos Fundamentais, p. 402, 1992,

pretende explicar que os tipos ideais e as ditas coletividades são baseados na ação social dos indivíduos, mas a ação de cada um em particular não é objeto de estudo da sociologia. A definição de Estado advém dessa concepção: é um conjunto complexo de interação humana.

RAZÕES QUE DEFINEM A AÇÃO SOCIAL E DE QUE MODO ELAS APARECEM EM “A ÉTICA PROTESTANTE E O ‘ESPÍRITO’ DO CAPITALISMO”

Desanuviar no princípio do texto o que se comprehende por ação social e, em seguida, os tipos ideais, permite criar a base necessária para o aprofundamento dos conceitos sociológicos fundamentais. Weber prossegue estabelecendo quatro razões que definem a ação social: racional com relação a fins; racional com relação a valores; afetiva; e tradicional. O contraste entre a primeira e a segunda é ricamente explorado em “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”, porém, antes de adentrarmos este âmbito do livro, esclareceremos as implicações conferidas às ações sociais supracitadas.

A ação racional com relação a fins é estratégica, determinada por avaliação e expectativas de ganho próprio com cálculo minucioso das consequências; ponderação detalhada da relação entre meios e fins, buscando o fim em si próprio. Ela ignora o afetivo e o tradicional, embora possa ter mesclas da ação racional com relação a valores. A ação racional com relação a valores, por sua vez, centra-se primordialmente nas convicções das pessoas, sem necessariamente ter preocupações com as consequências do ato. É quando o indivíduo age condicionado por suas crenças ou valores, porque é o que ele crê ser o correto. Particularmente na política, esse tipo de ação pode gerar o autoritarismo. Ademais, pode ser considerada uma espécie de moralismo que não precisa remeter o tradicionalismo, já que nela as convicções do indivíduo não precisam se orientar em condutas estabelecidas há séculos e tidas como legítimas, dado que “sempre foi assim”. A afetiva ultrapassa o que pode ser considerado como dotado de sentido, pois depende do estado emocional do indivíduo no momento e outros fatores similares. Por fim, a tradicional provém de costumes

seculares e profundamente enraizados. Geralmente não há reflexão sobre ela, diz-se que as coisas simplesmente são de tal modo porque sempre foram.

Sobre a distinção dessas ações, é relevante fazer uma ressalva: não há (e nem pode haver) uma delimitação exata de cada uma. Na vida cotidiana elas se misturam, convergem e destoam dependendo de cada caso, o que implica constatar que é extremamente difícil encontrar alguma delas pura. A imprecisão nas transições é uma característica que circula por vários conceitos estabelecidos por Max Weber, no entanto, para fins de análise, eles são extremamente úteis.

No caso do livro, Weber trabalha com a transição do catolicismo para a reforma a protestante e a disseminação do protestantismo ascético, com sua ética peculiar atrelada ao desenvolvimento do capitalismo. É possível identificar a ação racional em relação a valores em vários trechos; começaremos com a menção aos protestantes:

A vida do ‘santo’ estava exclusivamente voltada para um fim transcendente, a bem aventurança, mas *justamente por isso* ela era *racionalizada* em seu percurso intramundano e dominada por um ponto de vista exclusivo: aumentar a glória de Deus na terra. (Weber, 2012, p. 107).

As maneiras de aumentar a glória de Deus na terra diferiam de acordo com as vertentes do protestantismo, Weber opta por ceder maior atenção ao calvinismo. Essa doutrina consiste na crença da predestinação de escolhidos à salvação. Para mostrar e ter certeza de que são os eleitos, sua vida ética é metódicamente rationalizada, especialmente na forma de uma dedicação fervorosa à vocação profissional. Como descrito: “(...) Distingue-se o *trabalho profissional sem descanso* como o meio mais saliente para se conseguir essa autoconfiança. Ele e somente ele dissiparia a dúvida religiosa e daria a certeza do estado de graça.” (Weber, p. 102, 2012).

A ação racional com relação a valores é observada claramente na ética calvinista e, por conseguinte, na dita vocação profissional: a dedicação intensa ao trabalho e ao lucro não é realizada visando o acúmulo de dinheiro para o gasto com qualquer outra coisa que não seja o novo investimento do capital. O objetivo era afirmar o estado de graça proporcionado por Deus. Cabe uma última citação que demonstra como o sentido dessa ação era percebido. No contexto dela, Weber discorre sobre sua impressão da maneira atrasada com a qual as mulheres operárias trabalhavam,

frisando sua suposta incapacidade de abandonar os modos de trabalhos tradicionais, de se concentrar ou “fazer uso do intelecto”. Todavia, aponta uma exceção:

Coisa diferente só costuma acontecer com moças de educação especificamente religiosa, notadamente de origem pietista. (...) A capacidade de concentração mental bem como a atitude absolutamente central de sentir-se no “dever de trabalhar” encontram-se aqui associadas com particular frequência a um rigoroso espírito de poupança que calcula o ganho e seu montante geral, a um severo domínio de si e uma sobriedade que elevam da maneira excepcional a produtividade. (Weber, p. 55, 2012)

Após explanar detalhadamente as implicações do protestantismo, o autor retoma a reflexão sobre o capitalismo e percebe que a ética protestante foi um fator de grande peso para o desenvolvimento e disseminação do capitalismo dito moderno, tal como se configurou. Contudo, Weber salienta que no período em que escreve a religiosidade supracitada já não é compartilhada pela maioria dos capitalistas; as noções de produtividade e racionalização do trabalho perduram, mas o **sentido** da ação não é o mesmo. O capitalismo moderno prima pela ação racional em relação a fins, o “*homo oeconomicus*” se sobrepõe em relação aos demais, e o objetivo das pessoas se torna lucrar sem ter como foco a outra vida ou a salvação. O lucro é o fim em si mesmo. Passamos, então, ao trecho sobre a ação racional com relação a fins. A parte mais clara que podemos encontrar em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” é de um documento de Benjamin Franklin:

Lembra-te de que *tempo é dinheiro*; (...) de que *crédito é dinheiro*; (...); de que o dinheiro é procriador *por natureza fértil*. O dinheiro pode gerar dinheiro e seus rebentos ainda mais, e assim por diante. (...) Lembra-te que um *bom pagador* é senhor da bolsa alheia. (...) Nada contribui mais para um jovem subir na vida do que pontualidade e retidão em todos os seus negócios (p. 43 e 44).

Weber também comenta sobre uma maneira que os empresários capitalistas encontraram para aumentar a produtividade dos operários: ofereciam um salário por tarefa. Afinal, se o fim último do trabalhador era ter mais dinheiro, faria o possível para trabalhar progressivamente mais e receber mais. Neste ponto é interessante notar o impasse que o autor mostra entre as ações. Se, por um lado, os empresários ofereciam oportunidades de aumentar o salário dos empregados, baseando-se na ideia de que eles seriam guiados pela ação racional com relação a fins, em muitos casos ocorreu o

efeito contrário. Por se orientarem primordialmente de acordo com valores católicos, um número significativo dos operários passou a trabalhar menos, julgando que só precisavam receber uma quantia que garantisse sua sobrevivência (conforme pregava a religião).

COSTUME E HÁBITO

Costume e hábito são conceitos muito simples, todavia, como usualmente ocorre nos escritos weberianos, relacionam-se intimamente aos demais e são essenciais para que a compreensão dos textos e a análise da sociedade sejam tão plenas quanto possível. O objetivo de apresentá-los nesse momento se justifica não apenas por seu esclarecimento pontual, mas também porque são conceitos de grande importância para a assimilação de outros termos.

Nas ações sociais podemos observar regularidades, repetições frequentes por parte dos participantes, cujo sentido atribuído é igual. O costume é quando a regularidade de um comportamento se mostra no cotidiano e o hábito é um costume que perdura e está profundamente enraizado no grupo. As pessoas costumam aceitar o hábito sem questioná-lo, embora não haja uma obrigatoriedade nele.

RELAÇÃO SOCIAL E ORDEM LEGÍTIMA

O próximo conceito weberiano que nos interessa é a relação social, que é o comportamento de vários orientando-se pela reciprocidade e dotado de significado. Sobretudo, consiste na probabilidade de que alguma forma de comportamento social de caráter recíproco tenha existido ou possa existir no futuro; é agir da forma indicada pelos padrões sociais. Nela, os indivíduos geralmente têm uma visão unilateral da ação, sendo que o sentido da ação recíproca não é necessariamente entendido do mesmo modo por todos os participantes.

Em “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”, o intelectual descreve a ordem econômica capitalista como um universo que se apresenta como um dogma, um

fato inalterável para o indivíduo que nasce nele e ao qual são impostas as regras de ação econômica. O indivíduo é cobrado constantemente pela sociedade acerca do seu dever de enriquecer; ser rico é uma distinção social de extrema importância em um meio que valoriza o lucro como um fim em si próprio. Desde cedo ele aprende que deve se esforçar para ganhar mais, ter mais bens e melhores condições de consumo; uma pessoa sem posses é considerada fracassada. Esse sistema seleciona e molda os agentes de acordo com seus preceitos, e, pelo fato de limitar as escolhas dos indivíduos, pode ser considerado uma espécie de relação social.

Os indivíduos que participam da ação social e da relação social tendem a direcionar seu comportamento com base na representação de uma ordem legítima. Assim, chegamos ao último conceito a ser desctrinchado neste artigo. A ordem legítima existe especialmente no “sentimento de dever” e atribuição de validade por parte dos membros, que considerariam a transgressão dessas regras uma falta grave. A legitimidade é garantida de maneira interior ou exterior; sendo que a primeira pode englobar a maneira afetiva e a racional com relação a valores, enquanto a segunda é caracterizada pela cogitação dos possíveis desdobramentos externos.

Existem dois tipos de ordem legítima: convenção e direto. Convenção é uma ordem de validade garantida pela aprovação geral, enquanto o direito é a validade da ordem garantida pela possibilidade de coação. Weber também aponta a justificações da ordem legítima, pode ser por causa da tradição; crença afetiva; fé rationalizada ou estatuto positivo.

Quando pensamos em “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”, identificamos a ordem legítima tanto nos exemplos que nortearam nosso esclarecimento sobre a ação racional com relação a fins quanto no que usamos para a ação racional com relação a valores. Ambos pregam o sentimento do dever de trabalhar, mas com sentidos distintos. No caso dos protestantes ascéticos, a ordem legítima é verificada em decorrência da convicção da profissão como vocação; o dever de trabalhar e o cumprimento assíduo dele determina os que terão a salvação. Podemos considerar, portanto, essa ordem como justificada de maneira puramente interior, dado que envolve valores morais religiosos.

O dever de trabalhar que emana no capitalismo moderno, por sua vez, pode ser colocado como uma ordem legítima garantida pelo exterior. Isso porque podemos inferir que o indivíduo conduzido por esse sistema (cuja ação social é em relação a fins) trabalha e age com base nas possíveis consequências de seus atos para o fim último de ganhar mais dinheiro. O trabalho, portanto, seria o meio mais difundido e estimulado nessa ordem econômica para aqueles que têm o objetivo de enriquecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse artigo, pretendemos adentrar e esclarecer um pouco do universo terminológico do autor, tendo como guia o texto “Conceitos Sociológicos Fundamentais” e o adendo de outras bibliografias que nos possibilitaram fazer complementos necessários para uma assimilação exitosa. Mostramos como “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” apresenta os conceitos clássicos e de que modo eles se relacionam, além de explanar superficialmente (dado que este não era o nosso foco principal) o conteúdo de uma das maiores obras da sociologia. A importância de dissertar acerca da identificação, explicação e interpretação dos conceitos é facilitar o estudo da teoria weberiana, pois entendemos que a compreensão do extenso trabalho de Max Weber é extremamente valiosa para qualquer indivíduo que intencione se tornar um bom cientista social – ou apenas um perspicaz observador da sociedade.

REFERÊNCIAS

COHN, Gabriel. **Critica e resignação**: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. 161p. (Biblioteca básica de ciências sociais. Teoria e método; v.1).

COSTA, Jean Henrique - Max Weber e a objetividade do conhecimento nas ciências da cultura: um breve guia para o texto A ‘Objetividade’ do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política (1904) – **Revista Espaço Acadêmico**, nº120, maio de 2011.

DAHL, Robert Alan. **Análise política moderna**. Brasília (DF): Ed. Univ. de Brasília, 1981. 142 p., il. (Pensamento político; v. 26).

WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, C. Wright. **Ensaio de sociologia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

WEBER, Max; PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.** São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais.** 3. ed. São Paulo: Cortez: Ed. da UNICAMP, 1999